

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA – ETDUFPA
LICENCIATURA EM DANÇA

MAYRA NASCIMENTO SILVA

**UM OLHAR SOBRE O CORPO NOS SALÕES: DAS FESTAS DE
BREGA AOS FLOREIOS**

Belém – PA

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA – ETDUFPA
LICENCIATURA EM DANÇA

MAYRA NASCIMENTO SILVA

**UM OLHAR SOBRE O CORPO NOS SALÕES: DAS FESTAS DE
BREGA AOS FLOREIOS**

Belém – PA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA – ETDUFPA
LICENCIATURA EM DANÇA

MAYRA NASCIMENTO SILVA

**UM OLHAR SOBRE O CORPO NOS SALÕES: DAS FESTAS DE
BREGA AOS FLOREIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado á
Escola de Teatro e Dança da UFPA-ETDUFPA,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Dança, orientado pela Prof^ª. Waldete
Brito.

Belém – PA

2016

MAYRA NASCIMENTO SILVA

**UM OLHAR SOBRE O CORPO NOS SALÕES: DAS FESTAS DE
BREGA AOS FLOREIOS**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção de grau de Licenciado em Dança e aprovado na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data da defesa: 20/01/2016

Conceito: _____

Banca examinadora

Prof^a Dra. Waldete Brito

Orientadora- Escola de Teatro e Dança- ICA/UFPA

Prof^a

Avaliador- Escola de Teatro e Dança- ICA/UFPA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, via processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a cervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura _____

Local e Data _____

A minha mãe Mara do Socorro Nascimento Silva e minha avó Iracy Fagundes do Nascimento que me criaram com todo o seu amor, me ensinaram os valores que hoje eu prezo em minha vida, sempre estiveram ao meu lado e sem suas forças e preces este sonho jamais poderia ter sido concretizado e a elas dedico este e tudo aquilo que sou.

A minha madrinha Maria Esmeralda de Oliveira (*in Memoriam*) que também sempre ajudou em minha criação, esteve ao meu lado me mostrando o caminho e fez tudo enquanto viva para a concretização dos meus sonhos.

A minha mais irmã do que prima Yasmin Esmeralda de Oliveira Lisboa que vestiu essa camisa do TCC comigo e fez o que pode para eu terminar mas rápido.

AGRADECIMENTO

Inicialmente agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré por suas infinitas bondades de estarem sempre presentes em minha vida, por terem me ajudado nos momentos mais difíceis de minha caminhada, me abençoando e me fazendo acreditar que iria conseguir concluir esta etapa de minha vida.

Agradeço a minha mãe e minha avó que sempre estiveram ao meu lado e acreditaram em mim, torcendo pelo meu sucesso e priorizando meus estudos. Nunca foram de encontro a minha escolha profissional, pois confiam em minhas escolhas. Minha mãe que sempre foi minha companheira e amiga, em fim, significa tudo pra mim e minha avó sempre com suas orações intercedendo por mim.

As minhas primeiras professoras de dança Claudia Ra`naa e Lilian Castro que fizeram despertar o meu amor e admiração pela dança.

A Tia Nazaré Bentes pela disponibilidade em me ceder aulas de redação, e sua colaboração em minha preparação para prestar o vestibular.

Lucia Azeredo e Tia Marise Azeredo que me deram oportunidade de ampliar o universo da dança me fazendo descobrir outras vertentes como o ballet, jazz e contemporâneo. A Larissa Cardoso que além de amiga me fez cada vez mais ser apaixonada pelo jazz dance.

A Thays Reis por ter me possibilitando vivenciar outra experiência na jazz dance e ao me permitir estagiar em sua escola.

A Universidade Federal do Pará e sua equipe de professores que contribuíram totalmente para minha formação acadêmica. Especialmente a minha querida orientadora Waldete Brito que em meio às minhas dificuldades se prontificou em assumir minha pesquisa, sempre me ajudando ao máximo, sem ela com certeza esse trabalho não seria concretizado a tempo, um agradecimento muito especial e muito respeitoso. Obrigado minha querida professora!

A Cia Cabanos que me despertou o meu amor pela dança de salão, por mim antes desconhecido, a essa escola que possui profissionais maravilhosos. Em especial ao meu

Mestre Rolon Ho por me permitir fazer parte dessa família, ter a possibilitou a de ser sua bolsista, que me incentiva e instiga para querer evoluir cada vez mas.

As minhas amigas da faculdade Maynara Araujo, Luana Alves, Lucia Froes, Cristiane Pimenta, Layse Nascimento, Rafael Souza, Heloa Tavares e Hanna Dy Paula por terem feito parte em especial da minha vida durante esses quatro anos de estudos academicos que perseveraram e sempre me deram foga.

Aos meus amigos que me ajudaram de alguma formar, Lindalva Fé, Edegar Santos, Dalila Dutran, Leia Almeida, Francisca Oliveira, Luciana Matine, Yasmin Oliveira, Gilcilene Souza, Vitoria Soares, Deborah Ribeiro, Lorena Monteiro, Alberto Maucher, Anne Wolff, Suanny Garcia, Adryelle Torres, Giuliana Oliveira, Evellyn Costa, agradeço a todos por contribuírem para o meu crescimento como profissional da dança.

Sou grata a todos que aqui foram citados ou ate mesmo aqueles que foram esquecidos, pois fizeram partes de um sonho realizado.

A dança é a maneira mais profunda que podemos nos expressar. Faz a alma transcender nos dando a sensação que estamos vivendo um sonho real. Trazendo um satisfação interior que só é capaz de entender que vive essa experiência.

Mayra Nascimento Silva

Resumo

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a diferença dos corpos que dançam o brega nas festas e nos bailes de dança de salão da Cia Cabanos em Belém Pará. Como referenciais teóricos me utilizo de Daolio, Geertz, Gehlen, Mauss, Rodrigues, Perna, Bueno, Toneli, Mesquita, Miller e no que diz respeito ao brega recorri a Costa. Como metodologias de análise trago os métodos comparativo e estudo de caso. Realizei entrevista de livre narrativa, como técnica de coleta de dados, com Rolon Ho, proprietário da referida academia e os demais integrantes da Cia Cabanos. Como resultado apresento os floreios do brega que são específicos da dança de salão e que não estão presentes nos corpos que se encontram nas festas.

Palavras – chave: Dança do Brega, Dança de Salão, Floreios

Abstract

This research has as object of study the difference of bodies dancing tacky at parties and ballroom dancing balls Cia Cabanos in Belém do Pará. As theoretical frameworks use me Daolio, Geertz, Gehlen, Mauss, Roberts, Perna, Bueno , Toneli Mosque, Miller and with respect to the tacky resorted to coast. As analysis methodologies bring the comparative methods and case study. Realized interview free narrative, such as data collection technique with Rolon Ho, said gym owner and other members of Cia Cabanos. As a result present the flourishes of tacky that are specific to the ballroom dancing and that are not present in the bodies that are at parties.

Keywords: Brega Dance, Ballroom Dancing, Flourish

Lista de Figuras

Figura 1: Banda Calypso

Figura 2: Cantora Gaby Amarantos

Figura 3: Banda Gang do Eletron

Figura 4: Baile na Cabanos Marques

Figura 5: Jurados votando no concurso

Figura 6: Dois casais disputando no concurso de merengue

Figura 7: Casal sendo premiado no concurso de samba

Figura 8: Anuncio para os bailes da Cabanos Doca

SUMARIO

1-INTRODUÇÃO -----	1
UM OLHAR SOBRE OS PASSOS DA PESQUISA_____	1
2- NOS PASSOS DA HISTÓRIA DA DANÇA _____	6
2.1- A HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO_____	7
2.2- A DANÇA DE SALÃO NO BRASIL_____	9
2.3- A DANÇA DE SALÃO EM BELÉM_____	11
2.4- O SURGIMENTO DO BREGA_____	12
2.5- O BREGA EM BELÉM DO PARÁ_____	16
2.6- AS FESTAS DE BREGA: O PAPEL DOS DJ'S _____	20
2.7- ACADEMIA CABANOS: OS BAILES DE SALÃO_____	22
3- UMA ANÁLISE DOS CORPOS QUE HABITAM O BREGA _____	29
3.1- BREGA: UM OLHAR SOBRE O CORPO DANÇANTE_____	32
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	36
5- REFERÊNCIAS _____	37

1- Introdução

1.1 Um olhar sobre os passos da pesquisa

A importância e o sentido da cultura no seio de toda a humanidade, se configura como um lugar significativo de identificação de costumes, crenças, dentre outros aspectos próprios de cada sociedade. Todos os assuntos que rodeiam a cultura são bem pertinentes para entendê-la em sua singularidade e pluralidade, a partir de toda a dinâmica que lhe é inerente.

O autor Daolio, afirma que foram encontrados rastros de cultura datados de épocas anteriores ao *homo sapiens*, a qual iria totalmente contra a idéia anterior que sustentava uma hipótese de que pudesse existir uma maturação cerebral anterior ao desenvolvimento cultural. Já Geertz (1989) , ao retomar essa discussão sustenta que durante a evolução a capacidade de habilidades mentais foi lhes permitindo criar vários hábitos, os quais repetidos inúmeras vezes foram transformados em comportamentos culturais de uma determinada massa.

O autor sustenta que a capacidade mental, durante sua evolução, foi permitindo certos comportamentos culturais, como a utilização de ferramentas, o convívio social, o início da linguagem, que determinaram a evolução final do organismo humano. (GEERTZ apud Daolio, 1994, p. 32).

Para Gehlen (1973), essa dependência inicial do homem é de extrema importância, pois graças a ela é que ele adquire a bagagem necessária em termos de valores, crenças, e comportamentos que irão lhe acompanhar e ser seu alicerce para tomar suas decisões durante toda sua vida, em outras palavras, é o modo como se desenha a sua cultura.

(...) nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura (...) (1989, pg 61) (GEERTZ apud Daolio, 1994, p. 33).

Cada sociedade possui uma cultura que lhe é particular, assim, cada indivíduo absorve uma gama de conhecimentos e comportamentos que se manifestam de formas diferentes entre indivíduos da mesma comunidade e\ou de comunidades afins, portanto, o que vai caracteriza- los nessas sociedades é a forma como ele vai absorver e expressar corporalmente, o que lhe é singular. Como, por exemplo, no aspecto da cultura da dança de salão – o brega, que será mais detalhado posteriormente.

Nascemos como uma folha em branco e vamos preenchendo suas linhas quando entramos em contato com a cultura de nossa família e comunidade, portanto, estaremos sempre em modificação. Assim o indivíduo sempre pode inserir algo novo em seu comportamento, desde uma palavra até um novo hábito. Podemos então imaginar esse corpo que já sofreu tantas transformações como um absorvedor dessas mudanças e construções culturais.

Em seu texto “as técnicas do corpo: sociologia e antropologia.” Marcel Mauss, decorre uma longa lista sobre suas vivências e análise sobre as técnicas corporais, ele fala como acontece esse processo e como cada corpo reage de diferentes formas em cada sociedade através das situações descrita como: técnicas de nascimento e obstetrícia, técnica da infância, técnicas da adolescência, técnica da idade adulta, técnica do sono, vigília, dança etc.

O aprendizado das técnicas corporais acontece em função de uma determinada prática cultural. Para Mauss, a educação fundamental das técnicas consiste em fazer o corpo se adaptar ao seu uso. Para ele, existem diversas formas de transmiti-las, na maioria das vezes, ocorre através de uma imitação de atos bem-sucedidos e efetuados por pessoas. Este conceitua seu entendimento por técnicas corporais dizendo que são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir- se de seu corpo”. (MAUSS. 2003, p.401).

Platão foi o pioneiro que disseminou a idéia de que precisamos de técnica quando vamos aprender ou praticar algo. Para ele, era preciso ampliar essa noção para vários outros aspectos da nossa vida cotidiana. Mauss foi quem analisou e re-significou o pensamento deste filosofo para todos os hábitos que praticamos constantemente em nossas vidas.

As técnicas em sua maioria são usadas em tudo que fazemos, o que corre é que as praticamos totalmente de maneira automatizada, e acabamos nos esquecendo que todos esses gestos, mesmo que cotidianos, exigem e tem uma técnica corporal implícita

que varia de acordo com a cultura de cada local, de modo que acabamos não percebendo essas técnicas que estão inseridas em nosso dia a dia, como, por exemplo, no simples ato de andar, dormir e higiene pessoal, ou mesmo na complexidade do ato de dançar. Aqui me refiro a qualquer dança, desde um Ballet Clássico a uma dança típica de uma região.

Não existe cultura melhor ou pior; existem culturas que se expressam de maneiras distintas de acordo com a história de cada povo, e como se deu a utilização desses povos em cada região ao longo da história. Portanto, o que importa é a forma como cada um desses corpos é concebido, cuidado, educado, valorizado, enfim, construído.

Rodrigues (1986) diz que existe um conjunto de significados que foram escritos e estabelecidos de diferentes formas nos corpos por cada sociedade ao longo do tempo, fazendo com que cada uma treinasse os órgãos dos sentidos de seus indivíduos para que estes tenham uma especificidade, podendo enfatizar ou limitar alguns sentidos.

No corpo estão escritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes de a criança andar ou falar ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de certo tempo de sono, a postura no colo. (DAOLIO, 1994, p.39)

Corroborando com as idéias do autor acima, este estudo está permeado de questões sobre escritas e falas deste corpo dançante, em particular na dança de salão, no ritmo brega. O brega é ritmo e dança, este movimento continua a ser difundido de maneira cada vez mais forte nas festas que ocorrem pela cidade de Belém. Para Costa (2009, p.36), trata-se de “uma prática cultural restrita à periferia de Belém” ou a “populações menos favorecidas”. Este ritmo cresceu tanto, que fez os paraenses e outras pessoas que antes tinham certo preconceito ou resistência com o brega, passassem a aceitá-lo com mais facilidade. Assim, é notória a repercussão que este vem alcançando dentro e fora de nosso estado.

Neste contexto, surge o meu interesse em investigar esta prática cultural na cidade de Belém. E nesta particularidade, esta pesquisa tem o objetivo de investigar e analisar as diferenças e similitudes da técnica corporal entre as pessoas que aprendem a dançar o brega nas academias de dança, em particular, aquelas que frequentam as aulas

na Academia de Dança Cabanos, e as pessoas que aprendem esta dança de forma autônoma, que dançam do seu jeito, descobrindo a sua própria técnica de execução dos passos e movimentos.

Neste sentido, surgiram as seguintes questões: Qual a diferença dos corpos treinados na dança de salão em relação àqueles que foram absorvendo esta prática de uma maneira natural? Como as técnicas corporais são articuladas durante a dança? Pressuponho que ambas se apresentam de maneiras muito particulares, através de uma escuta corporal que perpassa pela condução do cavalheiro e da escuta da dama. Desta forma tenho como hipótese que existam diferenças e similitudes entre os corpos treinados através da técnica específica da dança de salão, e os corpos sem qualquer contato com aulas específicas de dança.

Escolhi como metodologia da pesquisa o estudo de caso e o método comparativo. Para Fachin (2005, p. 40), é “um método caracterizado por ser um estudo intensivo. (...) todos os aspectos do caso são investigados”. O mesmo autor explica que “investigar coisas ou fatos e explicá-los, segundo suas semelhanças e suas diferenças. O método comparativo aborda duas séries ou fatos de natureza análoga, tomados de meios sociais ou de outra área do saber, a fim de se detectar o que é comum a ambos”.

Os bailes de dança de salão em casas de festas no centro de Belém se tornaram mais frequentes. Os chamados bregaços ajudam a movimentar o mercado financeiro de Belém. Observa-se uma acentuada mudança no aumento da procura por este ritmo até nas academias de dança de salão, por pessoas de diferentes classes sociais e de diferentes faixas etárias.

Este estudo está dividido em três seções, na primeira seção, dialogo com os autores que abordam as questões que permeiam o corpo, como ele veio evoluindo, as diferenças entre cada cultura, as técnicas corporais de cada cultura etc. Autores como Daolio, Geertz, Gehlen, Mauss e também Rodrigues

Na segunda seção, faço um breve apanhado histórico sobre a trajetória da dança de salão e como esta chegou em Belém do Pará, e sobre academia de dança cabanos. Para fundamentar esta seção elegi os autores Perna, Bueno, Toneli, Mesquita e entrevistas com Rolon Ho, proprietário da referida academia e os demais integrantes da Cia Cabanos. É neste mesmo capítulo que começo a abordar o brega, como surgiu este termo, e como este se faz especificamente aqui em Belém do Pará como prática cultural,

para este momento trago como principal fonte o livro do professor Costa que se chama “Festa na Cidade: O circuito bregueiro de Belém do Pará”.

Na terceira seção continuo dialogando com o autor Costa, e finalizo com uma breve análise dos diferentes modos de dançar o brega. Além disso, revelo a entrevista feita com os integrantes da Cia Cabanos juntamente com as idéias que a autora Miller tem de técnica.

O corpo fala de modo diferente, se organiza e se expressa de formas diversas enquanto dança. A postura corporal, o olhar, os membros superiores, a condução do cavalheiro, a posição dos braços, dentre outros aspectos serão aqui analisados, a fim de melhor elucidar as possíveis semelhanças e diferenças nos modos de dançar o brega. Esta análise será realizada nos bailes de dança de salão que ocorrem na Academia de Dança Cabanos, fielmente, uma vez por mês e sempre na ultima quinta de cada mês. Além do baile, verificarei fotos e vídeo do ultimo baile do ano de 2015.

2- Nos passos da história da dança

A dança desde a sua existência humana sempre foi e continua a ser uma das mais importantes manifestações da cultura de um povo. Não se tem ao certo sua data de origem, porém, o homem primitivo já dançava de sua maneira, movimentava seus corpos de modo simples dentro de uma batida rítmica. Sabe-se que essas movimentações eram feitas em prol de celebrações religiosas, em contemplações aos seus deuses, por vezes, para ajudar na sua caça e em agradecimento. Todos esses feitos foram realizados e ficaram eternizadas durante muito tempo em forma de desenhos e pinturas rupestres, algumas ainda são capazes de serem encontradas, graças a esses registros é que foi possível se ter noção de tal histórico.

A dança seguiu seu caminho e também de maneira bem breve e simples chegou a ser citada na bíblia. Nela, há uma passagem sobre a dança hebraica, que era realizada de maneira totalmente espontânea pelas multidões e geralmente feita em comemorações.

Na Antigüidade Clássica também se teve relato da dança que estava presente na cultura e no cotidiano da civilização grega. Neste período eram realizadas festas de nascimentos, cerimônias cívicas, em vários ritos religiosos, também fazia parte do treinamento militar e da educação das crianças gregas. Para os gregos a arte da dança era considerada uma forma de contato constante com os deuses e um dom dado por eles, por esse motivo acreditava-se que todos os cidadãos gregos deveriam aprender a dançar.

Posteriormente, a dança passou por varias outras modificações e, dentre elas, estava o seu refinamento, passou a ser praticada pela nobreza em grandes salões e em grandes festas, também foi neste mesmo período que ficaram conhecidos os “Balés da Corte”, apresentados aos outros membros da nobreza. Essas danças já eram praticadas pelos camponeses, porém ao serem praticadas nos grandes bailes aristocráticos ganharam certo refinamento.

A dança social do Brega, vem alcançando grande repercussão dentro e fora do Pará, um ritmo que antes era identificado como uma pratica cultural restrita á população de bairros periféricos em Belém, hoje também se encontra em locais de fácil acesso, como nos bailes de dança de salão e casas de festas localizadas no centro de Belém.

Este ritmo passou a conquistar cada dia mais pessoas, que hoje buscam cada vez mais aprender este ritmo são: adolescentes, adultos e muitas vezes g casais, os que possuem mais idade também dançam. Assim o Brega passa a ser não somente musica ou dança, mas um ritmo que passa a ser um condutor que promove uma grande integração social, seja durante uma aula, um baile ou durante um festa.

2.1- A historia da dança de salão

O contexto sobre a trajetória na Dança de Salão não se configura como principal objetivo desta pesquisa, contudo é de extrema importância dar ao leitor um breve entendimento sobre esse gênero de dança. Esta dança possui um leque de variedades e de formas de se dançar, em que estão implicados o entrelaçar de corpos que se movem como um só, de acordo com a musica e com a condução do cavalheiro é, portanto, uma dança de casal, em que somente o cavalheiro pode conduzir e mostrar a sua dama o que ele quer ou o que ela deve fazer.

No conjunto de danças de salão estão associados ritmos específicos, geralmente são ensinados em escolas de dança, academias ou escolas de ensino formal, porem, esta dança está fora do desenho curricular. É comum as academias e/ou os centros de dança organizar bailes para que seus alunos coloquem em pratica tudo o possível que aprenderam em sala de aula.

A Dança de Salão tem objetivos claros de socialização já que é um dança voltada para estreitar os laços entre as pessoas e também a promover diversão entre as mesmas que a praticam, visto que sempre é praticada a dois; esta mesma socialização também é colocada em pratica nos bailes que são organizados pelas academias de Dança de Salão.

O termo dança de salão surgiu associado a necessidade de se ter grandes salões para os bailes, para que os casais pudessem dançar e rodar o salão bem à vontade, já que possuem uma quantidade numerosa de adeptos. Segundo PERNA (2001, p. 10), “o termo salão, fica claro que é devido a necessidade de salas grandes, os salões para que se possam realizas as evoluções das danças e festas de confraternizações dançantes”.

No reinado de Luiz XIV, na França, faziam-se muitas festas com apresentações de dançarinos para entreter e ensinar o rei e seus convidados. A priori, essas danças eram praticadas somente pelas classes mais populares em suas datas comemorativas. Segundo BUENO (2011, p. 02) estas posteriormente chegaram as cortes européias da Renascença, devido o anseio que sua população tinha de obter novas formas de se dançar.

No século xv as danças eram realizadas pelas classes baixas em suas festas e comemorações, depois chegaram aos salões da nobreza por meio dos dançarinos e/ou mestres de baile. Estes eram contratados pelos nobres para que lhes ensinassem as danças sociais que, ao chegarem aos salões da corte, ganharam refinamento e *status*, tanto que além de serem executadas nos grandes bailes, passaram a fazer parte da educação da nobreza(TONELI, 2007, p. 21)

As primeiras Danças de Salão foram a Pavuna, Gavota, Minueto, Quadrille e a Contredanse que se destacou bastante na Inglaterra, entre os séculos XIV e XVII, estas não se dançavam com corpos colados, esta pratica só veio a ocorrer posteriormente com o surgimento da Valsa. Esta por sua vez teve sua origem dos povos germânicos (Áustria e Alemanha), chegaram em Paris somente no século XVIII.

A Valsa chegou a ser considerada por muitos como uma dança indecente, pelo fato do cavalheiro envolver a dama pela cintura, tal aproximação entre os corpos na época, não era vista com bons olhos. Contudo a Valsa é um estilo de dança que se perpetuou ate os dias de hoje, pois ainda é muito procurada por noivas e debutantes em seus bailes de quinze anos. Nunca perdendo seu brilho, elegância, encanto e o mais importante, a sua estrutura em que o cavalheiro e a dama dançam com certa distância se comparada com as demais Danças de Salão na atualidade.

Neste contexto, surgiram outros ritmos de dança como a Polca e a Mazurca, contribuindo para que todas estas danças fossem reconhecidas e recebessem a denominação de Dança de Salão.

2.2- A dança de salão no Brasil

A Dança de Salão aportou em solos brasileiros com a chegada dos portugueses, ao estabelecerem contato com os indígenas e africanos, chocaram-se com culturas totalmente distintas, que já possuíam suas próprias músicas e danças. Assim, ambas culturas se alimentaram uma da outra, formando o Brasil que conhecemos hoje, com uma cultura com variedade de hábitos, um país plural. Esse fator foi muito influente para nossa música e dança.

Com a chegada dos portugueses houve grande mudanças nos hábitos da população influenciada diretamente pela moradia dos novos habitantes, como, por exemplo, a elegância das roupas, a mulher começou a aparecer mais em público, bailes para se dançar e salas de música e dança passaram a ser obrigatórios no ensino de boas maneiras. A nobreza brasileira passou a contratar professores europeus para se manterem informados sobre quais danças estavam na moda na Europa. As danças que mais faziam sucesso nos bailes eram a Valsa, Polca, Mazurca, Xote e a Quadrilha, que não era nada parecida com as quadrilhas juninas que conhecemos hoje, nas quais se transformariam ao longo do tempo.

No entrelace dessas Danças de Salão surgiram muitas danças tipicamente brasileiras, dentre elas esta o Maxixe, que é considerado a primeira Dança de Salão brasileira, que originou-se da Polca e do Lundu. Teve início nas camadas mais humildes, era praticado em locais restritos, considerada pela classe alta local, como uma dança de baixa categoria, eram chamados arrasta-pés e “coisas” de negro, que posteriormente seriam chamadas de gafieiras. O Maxixe juntamente com o Lundu e o Batuque deram origem ao Samba, que não se dançava a dois, mas sim como um gênero musical ao som do Batuque, somente depois que o Samba virou Dança de Salão.

O Maxixe foi a primeira urbana, de salão, a dois (e agarrada), a ter origem no Brasil. Por volta de 1870. Era uma forma de dançar (abusada) não atrelada a um gênero musical específico, sendo dançado ao som de músicas brasileiras baseadas no tango. Ou seja, a dança de salão maxixe surgiu antes do gênero musical maxixe. (PERNA, 2001 , p. 26).

O Maxixe ao ser inserido nas gafieiras como Dança de Salão, passou a ser dançado como outro gênero de dança: Valsa, Foxtrote, Tango, Bolero, etc.

A Dança de Salão durante muito tempo sofreu discriminação pelas pessoas mais conservadoras e membros religiosos, pois era considerada uma dança excomungada e pecaminosa devido a aproximação dos corpos colados. Esse fator atrapalhou muito o crescimento da Dança de Salão, posteriormente, passou a ser totalmente aceita pela sociedade .

A primeira escola de Dança de Salão que surgiu no Brasil segundo MESQUITA, tinha origem portuguesa, este português aprendeu através de um americano, pois, os Estados Unidos deram um grande destaque a Dança de Salão através do cinema, musicais e espetáculos. Também foi na escola de origem portuguesa que surgiu e aprendeu a dançar a grande dama da Dança de Salão brasileira Maria Antonietta¹ .

Apesar da Dança de Salão ter sido muito prestigiada no período pós- guerra, em torno de 1960, acabou perdendo lugar para as grandes discotecas que deram origem a movimentos mais livres, em que se podia dançar só. Assim a Dança de Salão entrou em um declínio e parou de ser destaque entre os jovens, mesmo assim, resistiu fortemente e passou a ser preferência do público da terceira idade. E durante quase duas décadas esta dança se restringiu a este público, deixando de lado os bailes tradicionais de salão.

Com o surgimento da lambada em meados dos anos 80 a Dança de Salão voltou a ganhar destaque entre os jovens. E foi no Rio de Janeiro que Maria Antonieta continuou disseminando a Dança de Salão formatando esta para obter cada vez mais características brasileira, esta mestra teve dentre seus alunos as grandes referências da Dança de Salão Jaime Aroxa e Carlinhos de Jesus.

Esta forma envolvente de dançar a dois, vem aumentando e se renovando até os dias de hoje, isto vem ocorrendo desde o surgimento da lambada . A dança de Salão veio ganhando espaço e com isso sedo cada vez mais difundida por todo o país, e o ensino desta, se deu principalmente nas academias e nos centros de danças. Também é

¹ Maria Antonieta nasceu no Amazonas em 1927, esta ficou conhecida por ter marcado a história do samba de gafieira e ter levado este a se expandir no Rio de Janeiro e, posteriormente, para no resto do mundo. Tudo isso em uma época que as mulheres envolvidas com dança não eram bem vistas pela sociedade, com mais de cinquenta anos de carreira Maria Antonieta é referência histórica e cultural, também é considerada a grande dama da dança de salão. Grandes nomes da dança de salão como Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus foram seus alunos. Ela faleceu dia 07 de Abril de 2009.

neste mesmo local que ocorrem as aulas que essas instituições de danças promovem seus bailes.

2.3- A dança de salão em Belém

Em Belém, a dança de salão chegou a ser mais difundida nos anos 80 através do engenheiro e arquiteto chamado Camilo Porto que possuía um grande amor pela dança. Camilo também era proprietário da academia de dança ‘Só ele, Só ela’ e de uma boate que tinha por nome “ Gemini Drive-In ”, lá mesmo que de maneira informal já se praticava a dança de salão.

Este engenheiro junto com uma outra amiga, Anete Dias tiveram a idéia de trazer a mestra Maria Antonieta Gaycurus, que em 1986 já era considerada a melhor do mundo no intuito de aprimorar e ensinar a técnica dança de salão . Ela ficou em Belém no período de duas semanas e sua estadia foi divulgada no jornal “ O liberal”.

Maria Antonieta deixou alguns discípulos que repassaram todas as técnicas aprendidas, porem não há registro de quem tenham sidos essas pessoas. Apesar do anonimato dos primeiros discípulos, não demorou a surgirem grandes nomes na dança de salão em Belém do Pará, dentre estas estavam Maria do Carmo, Marcelo Thigana, Marina Bernarrós, Junho Carvalho, Sidney Teixeira, Junho Cruz, Tereza Cruz, José Netto e João Mafra.

A globalização em todos os setores facilita os intercâmbios, e na arte e na cultura este aspecto não é diferente. Há um transito de pessoas e informações fortalecendo as trocas entre o Rio de Janeiro e Belém. A partir dos anos de 1990 os profissionais da área passaram a buscar cada vez mais este aprimoramento e inovações através de suas viagens ao Rio de Janeiro, afim de melhorar o ensinamento da dança de salão local. Também eram trazidos grandes profissionais da cidade maravilhosa para ministrarem mini cursos aqui, dentre estes estavam Carlinhos de Jesus e Jaime Aroxa.

Em Belém no ano de 1997 a professora Marina Bernarrós² se associou ao professor Jaime Aroxa e juntos abriram uma franquia que visava contribuir para a

² Marina Benarrós foi uma das precursoras da dança de salão no estado do Pará e faleceu ano 2014, depois de 20 anos de atividades com a Academia de Dança.

Dança de salão em Belém e em troca divulgaria o nome deste profissional que não era tão conhecido nesta cidade, apesar de já possuir grande fama fora. Esta sociedade não perdurou por muito tempo.

Vale ressaltar que surgiram outros grandes nomes nesta area como: Marcelo Thigana, Cesar Cordeiro, Roberto Ribeiro, Lana Santos, Tiago Pinhero, Darliete Moraes, Antonio Coimbra, Frank Coelho, Anderson Campos e Rolon Ho. Todos estes se encontram em escolas e\ou academias que promovem aulas, bailes, workshops e festivais. Atualmente as danças mais praticadas em Belém são zouk, bachata, salsa, tango, bolero, samba de gafeira, samba de hip- hop, forro, brega, merengue e tecnobrega.

É importante frisar que a maioria desses profissionais começaram a dança de salão, em um período que não se tinha muitos recursos ou informações, em sua maioria, os locais onde eram praticadas essas danças eram totalmente improvisados em suas casas ou garagens. Os artistas e praticantes desta dança, persistiram com muita força de vontade e amor a esta arte de se dançar a dois, sedo assim, hoje estes mesmos profissionais apresentam grandes trabalhos artísticos e contribuem com excelencia para o ensino, pesquisa e produção cenica.

2.4- O surgimento do Brega

Durante os anos de 1960 á 1970 houve um grande enfraquecimento do movimento musical da Jovem Guarda. Neste mesmo período surgiram vários novos cantores que tinham como principal influência este movimento, em sua maioria eram desconhecidos pela mídia brasileira. Esses artistas seguiam cantando gêneros populares, que posteriormente viriam a ser a Lambada, o Forró etc, contribuindo para alargar a diversidade de ritmos brasileiros.

O termo Brega, segundo o dicionário Aurélio (2003, p. 108) significa “cafona”, algo de mau gosto. Este termo foi muito usado a partir do ano de 1960 para diferenciar os cantores populares, eles sustentavam na época as grandes gravadoras, contudo, eram considerados cantores de musicas cafonas e de baixo prestígio. Todavia, este ritmo cada

vez mais influenciava artistas de variados gêneros músicas, inclusive muitos cantores populares faziam com que qualquer outro gênero musical pudesse ser facilmente classificado ou confundido com o brega, reforçando ainda mais a dificuldade de definir sua estética musical. Os cantores com muita frequência apresentavam em suas letras temas relacionadas a traições, desilusões amorosas e suas vestimentas tinham uma combinação um tanto chamativa, assim, foram rotulados de cantores “Bregas”.

A origem do termo brega como definição de ritmo dançante não é paraense. A terminologia é um tanto quanto contraditória. Ora é originária em Pernambuco, ora na Bahia. O termo passou a ser usado a partir da década de 60 para separar os cantores populares dos cantores que tinham o apoio da mídia. Os cantores populares eram quem sustentavam as grandes gravadoras. Cantar brega era classificado como coisa menor, muito embora os artistas deste gênero sempre foram cantores populares. O povo cantava as suas músicas, apesar de não cotarem com o apoio da mídia, que só se preocupava com os *chics*. Já houve quem disse que o ritmo praticado em Belém não é propriamente o brega. Os músicos paraenses esqueceram de criar um nome para significar o nosso ritmo. É verdade que nosso ritmo brega é muito mais dançante, fugindo do tradicional brega puro, que é aquele brega de raiz das dores de corno. Na verdade, o termo brega passou a ser usado como um rótulo pela crítica para classificar os cantores de música romântica dançante. Ou seja, as músicas dançantes, aquelas que se permitiam dançar agarrado passaram a ser chamadas de brega. Uma coisa é certa: o nosso brega é um ritmo da nossa Amazônia caribenha e é bem marajoara sim. (Carlos Alberto – jornal O Liberal, 06 de março 2000 – “A voz do leitor”) (COSTA, 2009, p.33).

Nas chamadas festas de gafieiras e de cabarés, geralmente localizadas em locais de difícil acesso, assim como nas festas tradicionais, já se notava a presença das aparelhagens. Enormes equipamentos de som de alta frequência, existente aproximadamente desde os anos 50, que tocavam ritmos como Merengue, Bolero, Twist, Rock’n’roll e o Iê iê iê, que influenciaram diretamente o Brega que dançamos hoje.

Maurício da Costa, em seu livro Festa na Cidade, pontua que o salto que se deu do Bolero para o Brega foi pouco percebido pelos frequentadores das festas, para eles, o novo ritmo seria uma espécie de “bolero mais ligeiro” ou um “bolero mais rodado”. Assim, mais tarde as festas de Bolero dariam a vez para esta nova vertente musical.

O ritmo, era inicialmente utilizado com grande apelo sentimental, letras simples e de rimas fáceis, sendo muitas vezes imitações de músicas internacionais que não seguiam fielmente a letra original. Embora sofresse grandes críticas por parte da população, o brega veio alcançando grande força nas camadas populares do Brasil, principalmente em Belém do Pará, que hoje já não se importa tanto com o preconceito, e a aceitação deste ritmo por parte da população se torna cada vez maior.

Alguns cantores desta ramificação não tinham um cuidado nas composições, arranjos, produção musical e visual. Sendo a tônica a maioria destas produções, mas especificamente das letras, o cotidiano. O teor dessas composições, geralmente era ligado a desilusões amorosas (traições), e/ou os motivos pelo qual levavam um homem a embriagar-se, etc. Isso tudo era encarado pelo público como algo engraçado, que ajudava a descontrair o estressante dia a dia (COSTA, 2009, p.26).

Os cantores possuíam um estilo visual totalmente engraçado e inovador, com a ousadia presente a cada dia em suas apresentações, aos poucos, o ritmo brega e a dança se desenvolviam, porém não tinham uma visão muito ampla no que diz respeito a música, talvez por falta de estudo da grande maioria. Quase sempre bêbados, compunham músicas que relatavam o que tinha os levado a beber, algum tipo sofrimento, mais diretamente alguma traição amorosa.

O público quase sempre enxergava o trabalho desses artistas de maneira cômica, divertida, como algo para alegrar seu dia, porém havia um número significativo de pessoas que se identificavam com esse tipo de música, é importante dizer que a maioria dos artistas fazia grande sucesso regional.

A partir do ano de 1980 o ritmo se expandiu fortemente e, em cada região do país ganhava mais admiradores e novas características, sobretudo na forma de se dançar. Os cantores de sucesso local deste estilo desde o início estavam ligados as aparelhagens, estas eram as responsáveis por divulgar e tocar as músicas desses artistas nas festas de brega que eram realizadas em casas de festas, onde ocorriam os chamados “bregões”, geralmente localizados em bairros periféricos de Belém.

Aqui no Pará, nos anos 80, houve o primeiro “Movimento Brega”, encabeçado por grandes cantores, a maioria com gravadora nacional, como: Alípio Martins (In Memoriam), Juca Medalha, Luiz Guilherme, Teddy Max (Ao pôr do sol), Mauro Cotta, Francis Dalva, Miriam Cunha, Ari Santos, Os Panteras, Waldo César, Solano e seu conjunto, Vieira e Banda, Fernando Belém, Beto Barbosa, Ditão (In Memoriam) os maranhenses Beto Douglas e Adelino Nascimento (moraram e gravaram seus primeiros discos no Pará), e outros. Antes dos anos 80, no início dos anos 60, os primeiros foram Ari Lobo, Osvaldo Oliveira (Vavá da Matinha) etc.(COSTA, 2009, p. 26)

Mesmo com todo esse sucesso, no final da mesma década esses cantores já não possuíam o apoio das rádios para divulgarem seus trabalhos, especialmente por conta dos novos estilos musicais que estavam sendo intensamente difundidos pela mídia nacional, como, por exemplo, o Axé Music, o qual era representado por um grupo de cantores baianos. Esse novo movimento no campo da música provocou um grande declínio nas vendas dos discos dos cantores de Brega, dificultando a permanência de alguns artistas na mídia como representantes deste movimento, sobrando apenas para as aparelhagens a divulgação deste ritmo.

Os primeiros cinco ou seis anos do início da década de 90 são vistos como o período em que o brega, como que um “filho bastardo” da mídia local, “se refugia” nas aparelhagens. Contraditoriamente, é este período em que mais intensamente as aparelhagens se identificam com o brega e no qual se consolida o modelo da festa de brega na cidade, articulando aparelhagens, casas de festas e público apreciador. (COSTA, 2009 p. 30)

Em meados de 1990, mais propriamente em 1995 o brega ressurgia com força total, com uma nova roupagem e outras características que se distanciava um pouco do romantismo totalmente colado. O “novo Brega” se chamava Brega pop, no qual possuía grande influência “caribenha”, com muita guitarra e com sua batida rítmica bem mais rápida do que de costume, começava um novo ciclo.

Desta vez surgiram muitas outras bandas e cantores dispostos a apostar todas as suas fichas no Brega pop, dentre estas, uma das mais conhecidas é a Banda Calypso que com uma característica marcante em suas músicas, com um swingue e batida

inconfundíveis, conquistou o público local e nacional. Liderada pelo casal Joelma e Chimbinha, a referida banda foi desfeita no ano de 2015.

Neste cenário, não demorou para que o “novo Brega” desse certo, a ponto de gerar outra vez maior interesse das gravadoras e mídia local, com ainda mais vigor do que a primeira vez, nos anos 80. A difusão deste ritmo e dança se expandiu em todo o território nacional e já é conhecido em outros países.

Além da Banda Calypso outros nomes fizeram grande sucesso cantando este tipo de música como: Wanderley Andrade, Kim Marques, Edison Moreno, Banda Xeiro Verde, Banda Rosemarie, entre outros. A projeção artística desses cantores serviu também de incentivo e total inspiração para que os antigos cantores voltassem e acreditassem novamente em seus trabalhos, pois estavam totalmente desestimulados e haviam parado de cantar brega

É importante frisar que por mais que o Brega pop fosse mais dançante e acelerado, suas músicas ainda possuíam bastantes características românticas nas letras. Portanto ele se diversificou mais não perdeu sua essência.

Segundo Neves, a prova do crescente sucesso do brega no final da década de 90 seria o fenômeno das “casas noturnas superlotadas”, decorrentes, por certo, da atração proporcionada não só pelas apresentações ao vivo como também, ao meu vêr pela presença das aparelhagens. A “paixão do povo paraense por este ritmo” não pode ser encarada somente como uma resposta do público ao investimento midiático, mas também como a consolidação de um modelo festivo em voga na cidade desde o início dos anos 80 (COSTA apud Neves, 2009, p. 32)

2.5- O Brega em Belém do Pará

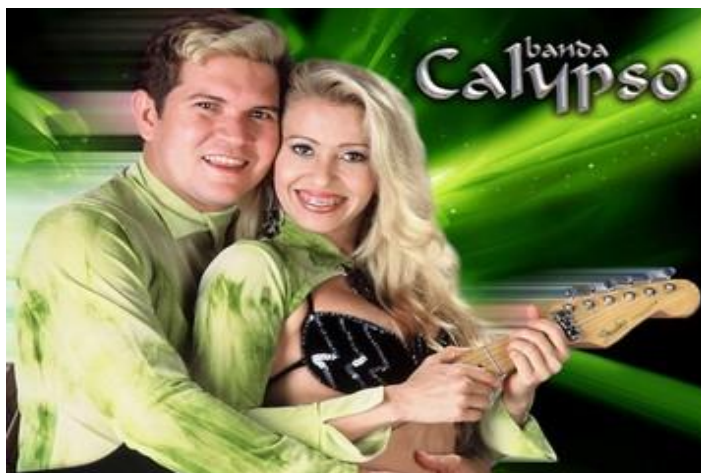
Em Belém o Brega chegou e ficou, foi recebido de tal forma pela população como se estivesse nascido em berço paraense, e de certa forma não está errado dizer que o Brega é paraense, pois foi em Belém do Pará que ele foi adquirindo a forma que é conhecido hoje. Mauricio Costa afirma que:

as grandes gravadoras, empresários e a mídia nacional descobriu que o brega feito em Belém do Pará é diferente do Brega feito em outros estados, assim o brega, seja um ritmo ou nome de ritmo, por já existir a bastante tempo em muitos outros locais não é possível que seja paraense, mas o ritmo que foi sendo produzido aqui, por sua própria evolução e continua permanecendo atualmente é sem dúvida alguma paraense. (COSTA, 2009, p.28)

Em Belém o brega se tornou muito mais dançante do que em outros locais, devido em 1995 ter sofrido algumas reformulações em seu ritmo, essas mudanças foram muito perceptíveis como: aceleração do pit (ritmo) e a inserção de mais guitarras sobre influências caribenha, daí surge a semelhança com o CALIPSO – Grafia original, fazendo com que esse novo ritmo tivesse muito mais swingi que antes, tornando-o muito mais alegre e sensual ao ser dançado.

O Brega possui variações, como o tecnobrega, o melody e o tecnomelody, dentre outros que influenciaram totalmente a forma de se dançar e de se ouvir Brega. E em meio a toda as tecnologias que nos rodeiam, é possível encontrar novos elementos que se fazem presentes nas festas de aparelhagens, tais como, a tecnologia 3D nos telões, as luzes de led que cada vez mais fazem parte do próprio aparelho de som da aparelhagem, luzes que fazem imitações de fogos pirotécnicos que são utilizadas para serem disparadas em direção do público no decorrer da festa, equipamentos de som cada vez mais potentes e aparelhagens cada vez mais sofisticadas. Vale a pena ressaltar a figura dos dj's, são artistas que ajudam a animar o público durante as festas, e ajudam a comandar a aparelhagem, atualmente chamadas de nave. Algumas de fato, se parecem com uma nave espacial, colorida e iluminada se tornaram também atração das festas. A Banda Calypso foi criada em 1999, composta pela cantora Joelma Mendes e pelo músico Cledivan Almeida Farias (o chimbinha). No início, esses cantores eram conhecidos somente na região Norte e Nordeste do Brasil. Com passar do tempo a banda passou a desfrutar de grande fama, fazendo sucesso em várias regiões do país, e, posteriormente começou várias turnês pelo exterior. Podemos dizer que esta foi uma das primeiras bandas do Pará, que de fato fez muito sucesso, pois antes desta o preconceito ainda era bem presente quando se referia a assuntos relacionados a este ritmo, assim esta banda tornou-se líder absoluta de vendas neste tipo de ritmo.

Fig. 1. Joelma e Chimbinha no início de carreira



A cantora Gabi Amarantus, inicialmente artista da banda Tecno Show, conhecida como a beyonce do Pará, teve seu primeiro grande sucesso como com a música “ hoje eu to solteira”, uma versão em português da musica single ladies da cantora beyonce.

A referida cantora começou a investir em sua carreira solo e continuou nas paradas de sucesso com outras musicas, chegando ao seu auge em 2012 com a musica Ex- My Love que serviu como abertura da novela Cheias de Charme apresentada na emissora de grande sucesso, a Rede Globo. Desde então, a cantora passou a frequentar constantemente vários programas de varias emissoras com grande prestígio, hoje a cantora é conhecido por grande parte do publico brasileiro.

Fig.2 Gabi Amarantus



A banda Gang do Eletro é composta pelos integrantes Waldo Squash, Maderito, William Love e Keila Gentil. Esses artistas começaram sua carreira postando algumas músicas na internet, assim, não demorou para que o público fosse conhecendo e gostando cada vez mais das batidas rítmicas feitas pelo grupo.

A Gang, gradativamente, foi conquistando o público local e nacional, com apresentações em palcos importantes foi se firmando no cenário musical. Em 2012, ganhou o Prêmio Multishow, na categoria “Revelação”. Em abril de 2013, lançaram seu primeiro álbum, Gang do Eletro. No mesmo ano foi eleita, ao lado de Caetano Veloso, como a banda musical que fez o Melhor Show do Ano indicado pelo Prêmio Multishow.

Este grupo tem por características, músicas totalmente mixadas, este aspecto imprime uma batida fazendo diferente, um modo singular de fazer e ouvir a música, para além disso, sinaliza uma maneira de se dançar, esta maneira de se dançar pode parecer até um “piripaque”, como diz um dos grandes sucessos do grupo. O corpo é levado pela batida envolvente dessa nova maneira de fazer Brega. Recentemente o quarteto foi agraciado tendo uma de suas músicas na trilha sonora da novela global A Regra do Jogo. A integrante do grupo, a cantora Keila Gentil, anunciou que no ano de 2016 vai investir em sua carreira solo.

Fig. 3. Banda Gang do Eletro



Toda essa difusão só se tornou possível devido a grande divulgação e procura dos meios de comunicação como a televisão, os programas, jornais e propagandas; a rádio e é claro a internet. O Brega assim como os demais ritmos que surgem a todo momento também é considerado um fenômeno cultural.

2.6 As festas de Brega: o papel dos D'Js

A festa de brega, percebida em sua dimensão histórica e social, é uma prática que está inserida no campo dos conflitos e negociações simbólicas desenvolvidas na sociedade local. A festa popular, na sociedade urbana e industrial, é um fenômeno complexo que abarca mediações econômicas (empreenimentos, oferecimento de bens culturais) e políticas (sistemas de trocas de interesses, conflitos por poder e prestígio). Por conta disso, ela não pode ser considerada unicamente como expressão da alienação de um ou vários grupos sociais ou, num pólo oposto, como meramente um mecanismo de “resistência” à indústria cultural ou a esta entidade opaca que é a “cultura dominante”. Trata-se de uma experiência cultural mutante, ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento. (COSTA, Mauricio 2009, p. 76)

As festas de brega envolvem todos os tipos de público e são divulgadas em vários meios de comunicação, como, por exemplo, nos carros de som, anúncios nas redes sociais, televisão, rádio, propagandas etc. Estas acontecem diariamente em várias partes na cidade e normalmente são realizadas em ambientes grandes e abertos. Na maioria das festas de brega a presença do Dj é essencial, quase obrigatória.

Em Belém os Dj's tem um papel fundamental, eles não decidem somente qual música que vai tocar nas festas, mas também, as movimentações que serão realizadas no decorrer das festas, as quais podem ou não serem aceitas pelo público.

A maioria dos movimentos concebidos pelo Dj, quase sempre, são repetidos por um grupo considerável de pessoas, e basta que um grupo comece a fazer a sequência para que outras pessoas o acompanhem. Em alguns casos, a movimentação é recorrente e se torna conhecida do público. Assim nasceu, por exemplo, as movimentações hoje tão conhecidas de cada aparelhagem como “T” do Tupinambá, a “Pedra” do Rubi, o “S” do Super Pop e, o mais recente o “Chifre” do Búfalo do Marajó, dentre outros.

Um dos momentos mais empolgantes do show é a tão esperada entrada do DJ. Vale lembrar que em uma festa pode ter até 3 DJ's. Ao entrar rodeado de muitos gritos empolgantes, cabe ao DJ continuar e deixar seu público com a mesma empolgação até o final da festa. Ele assume o altar, local direcionado a ele, estando posicionado ele começa a dar seus comandos, geralmente direcionados a cada equipe, que responde sempre muito animada e aos gritos. Também é neste mesmo local onde o DJ toca suas músicas, anima o público presente, dá seus avisos, anuncia seus patrocinadores e faz a divulgação das equipes presentes na festa.

Para deixar a festa ainda mais grandiosa, as aparelhagens contam com uma grande estrutura e diversos recursos tecnológicos, dentre eles, estão uma enorme tela de LED 3D cheia de efeitos visuais, com animações e com várias cores vibrantes, tudo isso juntamente com a música alta e bem dançante. Todos esses fatores influenciam diretamente no ambiente da festa, deixando-a completamente colorida e empolgante para o público.

2.7 Academia Cabanos: Os bailes de salão

Apresento um breve histórico de como surgiu a Academia Cabanos. Rolon Ho, nascido na Guiana Francesa e apaixonado pela cultura paraense, após ter saído da banda Calypso, onde fazia freqüentemente aulas de dança de salão com a banda, sentia a necessidade de voltar a dançar, então decidiu se juntar com alguns amigos e parceiros de dança. Assim, no dia 13 de dezembro de 2006, criaram a Cia Cabanos.

Rolon Ho ao dar o nome para a Companhia, buscou uma marca que não levasse o seu próprio nome, pensando no futuro de seus bailarinos, tendo o objetivo de deixar que estes fossem reconhecidos por seus próprios nomes. Rolon juntamente com outros amigos para homenagear o Movimento Cabanagem³, decidiram colocar o nome de sua companhia de dança como Cia Cabanos. Hoje a Cabanos já possui 10 anos de existência.

Os bailes ocorrem na Cabanos matriz que fica localizada em um clube chamado Alegria, situado na Marques de Herval nº 156, entre Antonio Baena e Curuzú, também é neste mesmo espaço que ocorrem as aulas. Esses bailes ocorrem regularmente na ultima quinta feira de cada mês para comemorar os aniversariantes do mês. Neste caso, não é cobrado nenhum valor para a entrada no local, mas cada aluno tem a obrigação de levar algo para partilhar na hora do intervalo para o lanche. Em geral, as mulheres ficam responsáveis em levar comidas e, os homens levam as bebidas, esta divisão cabe também para os convidados de cada aluno.

O baile, geralmente, é marcado para iniciar às 20 horas, com termino às 24 horas. Este horário é considerado cedo para o termino de um baile se for comparado com qualquer outro realizado por outras academias em Belém do Pará, contudo, o Clube Alegria não pertence ao Rolon, assim a academia tem que cumprir os horários determinados.

Posso dizer que o baile é dividido em duas partes, antes e depois do lanche, no primeiro momento a música já se encontra presente, fazendo com que os alunos que

³ A Cabanagem foi uma revolta popular que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (região norte do Brasil, atual estado do Pará). Recebeu este nome, pois grande parte dos revoltosos era formada por pessoas pobres que moravam em cabanas nas beiras dos rios da região. Estas pessoas eram chamadas de cabanos.

costumam chegar cedo já encontrem a possibilidade de dançar no salão. Pois os bolsistas também já estão à disposição para tirar qualquer aluna ou aluno que por algum motivo ainda não se encontre dançando. Os bolsistas são extremamente cobrados em relação a isso, devem tirar os alunos para dançar, fazendo com que estes não se encontrem sentados no salão e assim possam aproveitar bastante o baile, bolsistas só podem dançar com outros bolsistas faltando somente uma hora para o termino do baile. Também é neste primeiro momento que ocorre qualquer programação extra que esteja prevista para acontecer durante o baile, como apresentações de alunos, concursos de algum ritmo, improvisos de casais com algum determinado ritmo, geralmente, este ritmo é o samba, seja ele tradicional ou funkiado. Os casais são chamados para fazer o improviso, ou seja, participam os bolsistas da casa que já possuem determinada experiência.

No segundo momento do baile, após a parada para o lanche, é possível notar que o salão fica mais lotado pelos alunos e convidados. O salão fica mais colorido e ganha certa energia que perdura mais ou menos até às 22:45, pois passado este horário já é possível ver espaços vagos no salão, antes lotado e com pouco espaço para dançar.

Nos bailes da Cabanos, os alunos não precisam se preocupar em achar que não vão conseguir reproduzir nada durante uma dança, ou mesmo ter vergonha de convidar alguém para dançar, pois os próprios bolsistas são instruídos para tirar os alunos para dançar. Assim, quando um bolsista dança com um aluno fica bem mais fácil para o aluno se localizar durante a dança e entender melhor o ritmo que se estar dançando, pois é muito comum um bolsista escutar de um aluno iniciante que esta indo pela primeira vez a um baile, a seguinte pergunta: o que é isso que está tocando mesmo?

Neste contexto, emerge a obrigação deste bolsista de fazer com que este aluno possa entender principalmente a movimentação base deste ritmo, de acordo com a base da batida do arranjo musical. O aluno também passa a relembrar juntamente com este bolsista alguns passos que por algum motivo tenha esquecido, fazendo com que aos poucos este possa recordar o passo sempre de uma maneira descontraída.

Um dos objetivos do baile é contribuir para que este aluno perca não só o medo de ir aos bailes, mas de dançar, deixando a vergonha totalmente de lado e passando a reproduzir o que aprendeu nas aulas de dança, de maneira bem mais leve e soltando a sua própria dança.

Nesta perspectiva, é possível notar que este aluno depois de um determinado tempo já se encontra totalmente familiarizado com o ambiente dos bailes que passa a frequentar. Existe uma agenda de bailes espalhados pela cidade de Belém que acontecem em diversos locais, como, por exemplo, em salas de academias e salão de clubes.

Observa-se, que por mais que o aluno seja considerado de nível iniciante, ele passa a fazer suas próprias movimentações de maneira totalmente espontânea por meio de uma dança improvisada. Neste instante, deixando de apenas reproduzir as sequencias que lhes foram passadas em sala, ele mesmo pode criar a sua dança, às vezes, surpreende os bolsistas ao levar a dança de uma maneira totalmente direta e fluida sem pausas ou atropelos. É importante dizer que o aluno também já se encontra totalmente envolvido com a academia, e além de conhecimento da técnica da dança aprendida, ele cria novos laços de amizade.

No baile tocam todos os ritmos, e nota-se que o público tem preferências por alguns ritmos, como, por exemplo, o brega, o forró, o merengue, e o bolero. O salão fica mais lotado quando esses gêneros musicais são tocados.

Fig. 4. Salão de festa do Clube Alegria.



No início do ano de 2015, o Rolon Ho teve a idéia de dar uma inovada nos bailes de salão, para isso, iniciou uma maratona de concursos que ficariam no lugar das apresentações que os alunos costumavam fazer no meio dos bailes. Estas apresentações foram durante um bom tempo a melhor forma que a academia encontrou de manter esses alunos bem mais próximo. Este contato se dava devido aos treinos, os quais não

poderiam faltar, com isso, os alunos passaram a ficar mais perto da academia e em especial dos bolsistas, estas apresentações também faziam com que estes alunos se sentissem de fato, parte da academia, deixando de lado o medo, a vergonha e a idéia fixa de que só poderia se apresentar as pessoas que já eram profissionais, assim passaram a se acostumar com as apresentações e com a ideia de estar em um palco dançando para um público.

Durante muito tempo esta dinâmica nos bailes foi mantida, porém, tendo em vista que os alunos já se encontravam acostumados com as apresentações, o Rolon buscou outra forma de estimular e exigir mais destes alunos. Assim surgiu a ideia dos concursos, primeiramente, com o ritmo samba.

No início deste modelo de dinamizar os bailes, e em caráter de experiência, somente os bolsistas se apresentavam. O objetivo era estimular ao máximo os mesmos, no que diz respeito à dedicação e a criatividade, além disso, para maior incentivo dos bolsistas e alunos, foram convidados pelo professor Rolon Ho um corpo de jurados, composto por profissionais capacitados na área e responsáveis pela avaliação dos alunos durante o concurso. Havia uma premiação simbólica, às vezes financeira e outras vezes em forma de presente para o primeiro, segundo e terceiro lugar. O primeiro concurso deu tão certo que se estendeu abertamente para os alunos, a partir do momento em que o primeiro concurso terminou foi anunciado qual seria o ritmo para o próximo concurso e assim sucessivamente, cada aluno passou a escolher um bolsista para treinar algumas vezes na semana, até a chegada da batalha, tendo como regra nunca repetir o bolsista em outro concurso, para assim ter rodízio.

No ano de 2015, aconteceram os seguintes concursos: no mês de março – Bachata, abril – Bolero, maio – Samba, junho – Forro, agosto – Brega, setembro – Zouk, outubro – Merengue, novembro- Samba dos bolsistas (novamente), dezembro, um total de 20 Apresentação dos alunos.

Fig.5 Corpo de jurados para avaliar o desempenho técnico dos alunos



A realização dos bailes e dos concursos se transformam em uma grande festa, os alunos já contam com esta atividade. Este fato contribui para o melhoramento da técnica e mais vontade de permanecer dançando. Na imagem abaixo um dos momentos do concurso.

Fig. 6. Duas bolsistas com dois alunos, no concurso de merengue.



Fig. 7. Rolon Ho premiando uma aluna e seu bolsista, no concurso de samba



No primeiro semestre de 2015 o Rolon Ho passou a alugar um novo espaço localizado na Boa Ventura da Silva nº 553, entre Doca de Souza Franco e Almirante Wandenkolk. Este espaço trouxe muita autonomia para todo Cia Cabanos, principalmente no que diz respeito ao horário de funcionamento, pois passou a funcionar as sextas e aos sábados. A companhia passou a treinar incansavelmente sempre que necessário, por vezes até de madrugada. Este espaço também beneficiou em muito os nossos bailes, que também passaram a funcionar neste novo lugar, na Doca. Este fato se diferencia em quase tudo, em relação aos bailes que continuam a acontecer no Clube Alegria, sobretudo no que diz respeito ao horário de início e término dos bailes, público alvo, alimentação e seleção musical.

Os bailes dos aniversariantes do mês são todos lotados, já que este é tradicional e faz com que todos aguardem ansiosamente pela última quinta do mês, isso faz com que quase não precisemos divulgar os bailes, mas somente lembrar os nossos alunos quando o evento está próximo, enquanto que nos bailes que acontecem na Doca, não existe essa realidade, todos os bailes têm temas ou motivações como, por exemplo, o baile dos desejos que está acontecendo durante todo o período de janeiro de 2016. Abaixo a divulgação dos bailes para o mês de janeiro de 2016.

Fig. 8. Cartaz de divulgação dos bailes



O publico que frequenta as suas aulas nesse espaço novo, é bem mais jovem, fator este que influencia totalmente na dinâmica de todo o baile, principalmente na sequência de musicas que irão tocar no decorrer deste, geralmente, a sequencia maior de musicas tocadas são dos ritmos samba, zouk, bachata, reggae, forro e brega, é importante dizer que tocam todos os ritmos, porem estes tem maior ênfase.

O ingresso e a alimentação também são vendidos, assim podemos ter algum lucro durante o evento, quase todos os bailes que ocorrem em Belém são desta forma. O baile só acaba quando o ultimo aluno sai, assim nós bolsistas não temos que dançar somente com alunos durante quase toda noite, e sim podemos revezar em dançar com alunos e bolsistas, desde que não haja muitos alunos sentados a noite toda. O objetivo do baile continua sendo o estímulo para que os alunos dancem. Desde modo, ficamos sempre atentos para dançar com estes alunos.

3- Uma análise dos corpos que habitam o Brega.

O ensino da técnica do brega na Cabanos, geralmente, ocorre da seguinte forma como explica o professor Carlos Wendell,

Procuro estabelecer primeiro uma sequencia de aula na qual eu vou trabalhar, e dentro dessa sequencia busco fragmentar e dividir os movimentos desta mesma, e ir mostrando passo a passo para o aluno, ir pausando, mostrando onde coloca cada perna, com deve colocar o seu corpo, como e pra onde ele vira , se for movimento de rotação, mostra como é feita essa rotação. Então uma movimentação, por exemplo, com oito movimentos, eu procuro mostrar um a um e sempre ir pausando e parando, para o aluno entenda a movimentação e não fazer por fazer, mas sim ele saber o que ele esta fazendo, por isso o passo a passo é tão importante nesse momento, em que a fragmentação do movimento é ensinando separadamente e depois treinando varias vezes ele já como um todo, depois de fragmentar eu já posso fazer ele de dois em dois ou de três em três e assim por diante. (04 de Janeiro de 2016, Cia Cabanos Marques)

O passo a passo das aulas de brega:

- Primeiramente o professor se posiciona na frente de todos os alunos e faz um alongamento no qual os alunos passam a imitar todas as movimentações feitas por este professor.
- Em seguida durante uma musica este profissional realiza varias movimentações soltas, todas relacionadas com o brega, da feita que a musica acaba e as movimentações soltas entraram na cabeça e no corpo desse aluno.
- No terceiro momento a sala e dividida em dois grupos cavalheiro para um lado e damas para o outro (um grupo fica de frente para o outro), na frente de cada um desses grupos sempre tem um pessoa do mesmo gênero para os alunos terem um referencial, geralmente essas pessoas são o professor com algum outro bolsista que já tem certa experiência com o ritmo. Assim com os corpos separados o professor passa a movimentação que será desenvolvida durante a aula, tudo de maneira bem devagar e detalhadamente, sempre lembrando que a movimentação

escolhida pelo professor sempre vai estar de acordo com o nível da turma e ritmo.

- Passada a movimentação o professor pede para que os cavalheiros escolham alguma dama para assim poderem treinar a movimentação juntos, assim será mais fácil tendo em vista que cada um já sabe o que deve fazer. Também é neste momento que é passado para o cavalheiro como ele deve conduzir a dama, fazendo com que esta entenda corporalmente como será a condução certa para que ela realize a sua movimentação.
- Para finalizar, é formado um rodízio, os casais se posicionam um do lado do outro com certo distanciamento, formando uma grande roda, assim os cavalheiros devem passar as suas damas para o cavalheiro que estiver a sua direita, fazendo com que todas as damas dançam com todos os cavalheiros. Isto é de extrema importância para a dama que vai poder sentir diferentes tipos de condução e vai poder distinguir um cavalheiro que sabe conduzir de um que somente sabe reproduzir os passos. Para o cavalheiro esta experiência também é muito válida, pois vai sentir que cada dama possui um peso diferente e que para cada um desses pesos ele vai ter que usar uma determinada força e condução para fazer com que sua dama possa entender o que ele quer que ela faça. Pois cada dama possui uma escuta corporal, umas bem desenvolvidas que basta um gesto do cavalheiro e esta já entendeu o que ele quer que ela faça e outras que ainda estão aprendendo a escutar, estas geralmente são damas que ainda estão aprendendo ou não fazem aula de dança de salão, elas são, às vezes, urgentes e não costumam esperar o cavalheiro fazer a condução e, já saem fazendo tudo por conta própria.

O brega faz parte da nossa cultura, e é muito natural ver o paraense dançando o brega, principalmente nas periferias, isso se torna muito bonito e importante para que a nossa cultura nunca morra. Mas devo destacar que quando vemos uma pessoa que não possui a técnica da dança de salão e dança extremamente bem o ritmo brega, estas pessoas ainda possuem muito de nossa cultura enraizada em si, da essência do que é dançar o brega, essas pessoas tem mais malemolência no seu corpo e também conseguem criar mais coisas em seu corpo e na sua dança. São pessoas corajosas e de

atitude, não tem o medo de dançar, de curtir uma música a dois, não costumam pensar no que as outras pessoas vão achar, sabendo muito ou pouco do brega elas não têm medo de errar, só querem se divertir e dançar.

Nesta perspectiva, o brega passa por um processo natural e gradativo de aprendizado, o ritmo e a dança do brega fazem parte do cotidiano paraense, deste modo, as pessoas convivem com essa cultura no seu dia.

O aprendizado do brega enquanto dança, acontece também fora das academias de dança. E como já foi dito antes essas pessoas que conseguem aprender esta dança, à vezes, de tanto ouvir a música e de tanto ver alguém dançar.

A técnica na dança de salão transmitida para o nosso aluno em um passo de brega, se dá por meio de métodos, uma didática própria para favorecer o aprendizado do aluno, fazendo-o entender a dança da melhor forma possível. Assim quando isso acontece a essência do brega se perde um pouco, pois o aluno que vai nos procurar para aprender esta dança não passou pelo mesmo processo de familiarização, muito pelo contrário, são pessoas que na maioria das vezes não tiveram contato com quase nenhum ritmo dançado a dois, ou somente dançavam agarradas, sem grandes elaborações em seus passos.

Quando passamos a movimentação para este aluno, este se encontra muito nervoso, pois é sua primeira vez em uma aula de dança. Todas essas questões fazem com que o aluno iniciante na dança de salão ao dançar o brega não esteja preocupado com sua essência, e sim preocupado em obedecer aos comandos do seu professor, como por exemplo, dançar sem olhar para o chão, erguer sempre os braços, tentar manter a postura alongada, alongar as pernas etc. Assim este aluno só passa e entender, a curtir a música e ter a essência do brega depois de um determinado tempo de aula, no qual este já não está mais preocupado somente em reproduzir passos

O ensino desta dança, portanto, se faz diferente, ou seja, existe um preparo técnico da dança de salão e, um modo diferente de ensinar esta dança sem que seja preciso ir para a academia. Aprende-se, no caso, na prática do fazer dançando, o corpo que foi familiarizado com a música e alguns passos vai adquirindo a sua própria técnica do brega, são bem distintos, pois se diferenciam em praticamente tudo. Nas duas formas de ensinar tem elementos comuns, como a postura, pernas, braços, mãos, cabeça e olhar.

3.1- Brega: um olhar sobre o corpo dançante

Os corpos que possuem sua própria técnica para dançar o brega, apresentam uma postura um pouco mais curvada; possuem uma agilidade incrível nas pernas, pois costumam fazer trocas rápidas em um tempo curto, um tipo de floreio, aqui me refiro somente aos cavalheiros, geralmente ao se utilizarem de seus braços usam de muita força para conseguir fazer seus movimentos, por que quase sempre estão com estes relaxados fazendo com que alguns movimentos saiam de forma afoita ou descompassada, também percebo que quando estas damas se encontram um pouco mais livres de seus cavalheiros não tem o hábito ou não estão atentas para fazer algo com seus braços e quase sempre os deixam relaxados; no que diz respeito aos dedos da mão sempre se encontram de qualquer jeito, não possuindo o menor cuidado ao posicionar suas mãos; a expressão facial deste corpo dançante também nem sempre se encontram sorrindo, geralmente se estão mais concentrados, voltados para si, como se estivessem dançando sozinhos, e não para o seu par; o olhar deste também é um ponto bem importante, pois na grande maioria não é um olhar evidente, por estarem olhando para baixo na maior parte do tempo.

Contudo esses corpos que possuem uma técnica mais natural e própria têm a malemolência a seu favor, assim conseguem ter a possibilidade de criar mais passos e mais movimentações durante uma dança, como por exemplo: o “cakiado” e o “treme”. Em nossa entrevista o professor Carlos Wendell disse “a gente pode enxergar essas pessoas logo pelo corpo, por que eles movimentam muito as pernas, eu vejo a galera que dança fora, como um corpo mais fechado, como eles vão muito pra festa e geralmente é muita gente eles se habituaram a dançar pequeno, eu vejo assim que eles dançam pequeno, é uma coisa a dois ali, eles não dançam abrindo e expandindo seus movimentos, mais tem que ver, por que eles se tornam bem mais rápidos, com uma pernas bem rápidas e uns “trejeitos” e essas coisas todas. Então dá para enxergar esses “trejeitos” nas pessoas que dançam nas periferias.”. Assim qualquer corpo pode dançar o brega, pois para esses bregueiros não há uma técnica específica para esta dança. Os casais que se fazem presentes nessas festa podem ser dois homens, duas mulheres, um homem e uma mulher, tem até quem dance sozinho.

Mauricio Costas (2009) em seu livro diz “A dança pode ser então extremamente veloz e frenética como no caso do tecnobrega, lenta e sensual como no caso do brega

melody ou flash brega, ou ainda relativamente rápida e com muitas variações de passos, como no caso do calypso”. Seja em qualquer variação brega é possível encontrar o mesmo corpo descrito a cima

Já o corpo de quem possui a dança de salão por sua vez é um corpo totalmente alongado; as pernas quando não se encontram alongada é possível ver floreios tanto dos cavalheiros quanto das damas; os membros superiores também sempre estão fornecendo energia para seu par, assim ambos se utilizam de menos esforço para realizarem suas movimentações e as damas quando se encontram um pouco mais livres do cavalheiro sempre se utilizam de seus braços para fazer floreios, nunca os deixando relaxados. As mãos no salão são treinadas para nunca estarem mal colocadas, pelo contrario quando se encontrarem livres elas tem sempre que estar ao alcance do cavalheiro e colocada de maneira bonita com os dedos alongados; a expressão facial destes corpo esta sempre em contato com seu par (dançando um para o outro) e sorrindo durante toda a dança; o olhar quase sempre se faz presente e bem colocado.

O corpo que possui a técnica do salão é um corpo moldado, às vezes chegando a ser inflexível e dificilmente este vai conseguir fugir da técnica ou da maneira que aprendeu qualquer passo do brega. Aqui o Wendell ressalta que na dança de salão “A diferença é que as pessoas que buscam o salão, que buscam uma técnica mais apurada, elas já conseguem se expressar melhor, colocar o seu corpo para se expressar de uma forma maior, mais para fora, mais presente, não tão fechado ou digamos sem postura, é uma postura mais clássica.”

Ainda conversando sobre este mesmo assunto outro professo da Cabanos chamado Rodrigo Barros diz que “ A diferença esta na técnica, pois o aluno da dança de salão aprende inúmeros termos técnicos, como postura, como se mover no salão, condução, leveza nos movimentos etc. Por outro lado a pessoa que dança bem sem nunca ter feito dança de salão já tem mais malemolência no corpo e tem mais facilidade para criar movimentações . Por tanto essa diferença esta no lugar onde você aprendeu a dançar, se foi na dança de salão seu corpo terá um padrão x, e se aprendeu com a vivencia de ir as festas seu corpo desenvolveu um padrão y.”.

Visando a compreensão desses diferentes corpos, penso que ambas as técnicas, se tornam perceptíveis aos olhos do observador. Assim também conseguimos perceber e enxergar os floreios específicos do corpo da dança de salão. Para mim, depois da

postura corporal que um dançarino da dança de salão adquire o floreio é uma das características mais fortes, também presentes em sua dança, os quais nos fazem ver claramente se esta pessoa pertence ou não a dança de salão. Por que por mais que nas periferias também encontremos algumas variações e trocas rápidas de perna, essas são totalmente distintas do floreio que encontramos no salão.

Para o salão os floreios são basicamente enfeites que podem ser inseridos durante uma dança, para esta se tornar ainda mais bonita e passe a ter um charme a mais. Pode ser usado por damas e cavalheiro, desde que não atrapalhe o andamento na dança do casal, o floreio também tem a capacidade de estar presente em vários gestos, pode ser uma troca de pernas, um esticar de braços ou uma jogada de cabelo etc.

Entendo que o floreio é muito mais do que um braço, uma perna ou qualquer gesto a mais, que vai estar presente em minha dança. Este vai além, ele é seu corpo todo dançando e se entregando aquele musica, se entregando a condução do seu cavalheiro e a conexão que esta sendo feita durante a dança. O floreio é todo um posicionamento corporal, ele é uma maneira da dama transcender durante a dança, fazendo com que esta mostre fora tudo o que esta sentindo dentro. Thais Souza parceira de dança do Rolon diz que “O floreio é um coisa que você tem que se sentir confortável, por que quando você ta dançando você quer ser a mais bonita, a mais elegante e é ai que entra o floreio, pois você também quer ter um diferencial na sua dança”. É isso que eu acho que falta às damas entenderem um pouco, mais. Ai sim vai fluir o braço, uma passada no cabelo, uma caminhada diferente.

A dança vai ganhando outras qualidades e fruição a partir do momento em que você tem a consciência que o floreio são momentos para você se sentir bem, que ajudam a deixar os movimentos mais bonitos. Se não existissem os floreios todo mundo seria igual, ninguém teria um diferencial na sua dança, afinal, por mais que a dança de salão seja um padrão cada corpo possui o seu próprio floreio.

Quando uma dama ou um cavalheiro fazem um floreio eles mostram que conhecem seu corpo, é possível ver que se trata de uma pessoa que entende o que esta fazendo, é uma pessoa que estuda os movimentos e sabe como utiliza- los dentro de uma determinada contagem. Perguntei ao professor Carlos Wendell como ele via os floreios no brega dentro do salão? E ele respondeu “No brega se usa muito principalmente na parte de giro que as damas giram e já posicionam o braço em cima ou na cintura, quando ela pisa atrás já faz uma meia ponta, um quadril, quando ela faz a

marcação de 1,2,3 no quadril ela já coloca uma perna a mais, também tem as jogada de cabelo”.

Não tenho duvidas de que o floreio é uma das maiores características na qual é possível ver quando uma pessoa é realmente da dança de salão. Por que é na dança de salão que nos ensinam tecnicamente como tudo deve ser: como e onde devemos colocar os braços, como podemos fazer uma levantada de perna ou uma jogada de cabelo, nosso diferencial é que nos floreios da dança de salão buscamos poses. É como se durante toda a dança a pessoa fosse tirar uma foto, e cada foto que a pessoa vai tirar ela quer estar bonita.

Enquanto que uma pessoa que não faz dança de salão não possui esse mesmo cuidado, e por mais que faça algum tipo de braço ou de perna este vai ser meio jogado e não vai ser um movimento claro e limpo, pois ela não tem uma noção aprofundada de como tem que ser. A pessoa que não é do salão também não tem uma preocupação de toda hora ta aparecendo ou sendo visto.

4- Considerações finais

Durante toda minha pesquisa pude me debruçar em diversas questões relacionadas á dança de salão e especificamente sobre o brega as quais os sustentaram plenamente os objetivos de minha pesquisa e minha hipótese no que diz respeito aos floreios como campo de conhecimento aprofundado na dança de salão. Onde também pude perceber claramente as diferenças de ambos os corpos que habitam o brega, nas aparelhagens com passos ligeiros e sua essência bem mais afluada e nos salões com passos bem vistosos e repletos de floreios.

Acredito que minha pesquisa é de extrema importância acadêmica, pois não possuem muitas pesquisas relacionadas à dança de salão ou falando do brega que hoje é dançado tanto nas academias de dança de salão como nas festas de periferias; nem tão pouco á estudos relacionados aos floreios dentro de ambas as técnicas. Com esta contribuição pretendo aprofundar um pouco mais os conhecimentos direcionados a estas vertentes.

Acreditamos que técnica é algo vivo, flexível que, sem perder o seu fio condutor e sua linha, em nenhum instante nos lembra autoritarismo ou obrigatoriedade, A técnica, como o corpo, respira e se move. Cabe a uma técnica ser suficientemente madura para poder se adaptar ás mudanças, ás necessidades do homem, e nunca ao contrario, A técnica é um “meio”, e nunca um “fim”. (MILLER, Jussara. A Escuta do Corpo: Sistematização da Técnica Klaus Vianna. P. 52)

Corroborando com as idéias da autora acredito, que ao trabalharmos com a dança ela nos torna seres incrivelmente mais conhecedores e atentos ao nosso próprio corpo, ela nos faz saber nossos limites, capacidades, nos faz mais sensíveis, expressivos, criativos e principalmente nos dá uma escuta corporal muito grande, que vezes passa por nossas vidas quase que de maneira despercebida ou pouco desenvolvida.

Na dança, a escuta de si e do outro é muito importante, a diversidade dos corpos o modo como dançam, e usam as técnicas corporais. Quando falarmos especificamente da dança a dois, todas e questões tratadas neste trabalho se tornam totalmente pertinentes e fazem toda a diferença, pois ao serem dançadas por um casal, faz com que tudo se torne uma troca de energia. Tudo o que um par fornece para o outro desde um

simples sorriso ate um passo bem elaborado serve como um fio condutor para que este também lhe forneça algo.

É importante que tenhamos a compreensão que podemos nos servir, admirar e valorizar ambas as técnicas. As diferentes formas na qual estão presentes os floreios, afinal as técnicas existem somente para chegarmos em um objetivo e não para tomarmos estas como algo fechado. O importante é que encontramos no mundo uma diversidade de modos de articular a dança, seja por meio de técnicas ensinadas em academias de dança ou aprendidas na experiência e vivências do dia a dia.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO. **Dicionário escolar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.
- BUENO, Luciana Maria. **As Construções Didáticas para o Professor de Dança de Salão**. Simpósio de Ensino de Graduação, 9, 2011. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/9mostra/4/174.pdf> > Acesso em: 04 mai. 2015
- CONCEIÇÃO, Everton Pires. **Caminhos Criativos: Uma Experiência em Composição Coreográfica na Dança de Salão**. Trabalho de Conclusão de Curso UFPA. 2012.
- COSTA, Antonio Mauricio Dias. **Festa na Cidade: O Circuito Bregueiro de Belém do Pará**. EDUEPA, 1983.
- DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papyrus, 1994
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. Editora Saraiva, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008
- GOMES, Jussara Vieira. **Um Pouco Sobre a História da Dança de Salão no Brasil**. 2010. Disponível em: <http://blog.danceadois.com.br/cultura/um-pouco-sobre-a-historia-da-danca-de-salao> > Acesso em: 22 de mai. 2015.
- MAUSS, Marcel. **As Técnicas do Corpo: Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- MESQUITA, Rachel. **Um Pouco de História**. Disponível em: <http://www.dancadesalao.com/agenda/> > Acesso em: 22 de mai. 2015.
- MILLER, Jussara. **A Escuta do Corpo: Sistematização da Técnica** Klaus Vianna. Summus Editorial, 2007.
- MONTEIRO, Tiago José Torres. **Na Batida: A Espetacularidade da Dança do Brega na Casa se Show Karibe, em Belém do Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso UFPA. 2012.
- PERNA, Marco Antonio. **Samba de Gafieira: A História da Dança de Salão Brasileira**. Rio de Janeiro: [S.n], 2001.
- RODRIGUES, Airleise Sarges. **Na Magia do Salão: Um Olhar Antropológico sobre o Zouk em Belém do Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso UFPA. 2011.